

ROSA LOBATO DE FARIA

AS ESQUINAS DO TEMPO



1.

Quando Margarida chegou à Casa da Azenha teve aquela sensação, não desconhecida mas sempre inquietante, de já ter estado ali.

Não era verdade. Vinha pela primeira vez a Vila Real, com o intuito de fazer uma palestra sobre novas técnicas do ensino da Matemática e os organizadores, cujo convite a lisonjeara, tinham-na instalado num belo turismo de habitação em vez de no rotineiro hotel. Foi recebida por três senhoras de meia-idade que se disseram irmãs e que, por corredores que a Margarida pareceram labirínticos, a conduziram ao quarto.

Durante o trajecto, afigurou-se-lhe que as senhoras mudavam constantemente de rosto e de imagem, isto é, a que lhe parecera gorda era agora magra, a que lhe parecera alta agora era baixa e a que fixou melhor, pois fora a que falara e tinha uma bata azul forte com flores brancas, estava agora de escuro, com um casaco de malha com aplicações.

Margarida pensou que estas alucinações se deviam ao vinho do Porto que a fizeram beber na pequena ceia que se seguira à palestra, e achou que uma boa noite de sono e a

luz do dia a fariam rir desta maluqueira que lhe atravessava a mente.

A baixinha, de novo alta, surgiu inesperadamente com bolos caseiros e chá de camomila, todas três em coro lhe desejaram boa-noite, esperando que tudo estivesse a seu gosto.

Confusa, Margarida agradeceu e jurou que nada lhe faltava. Depois, fechou a porta à chave e preparou-se para dormir. Foi aí que sentiu o cheiro. Um cheiro talvez a remédio, talvez a malmequeres, talvez a creolina. Deu uma volta pelo quarto à procura da origem do cheiro e não encontrou nada que o justificasse. Reparou então que a cómoda, na parede fronteira à janela, estava coberta de fotografias que se pôs a analisar. Eram fotografias antigas, a preto e branco, amarelecidas mesmo, e representavam senhores e senhoras solenes e alguns meninos de canudos, com folhos a sair das mangas de veludo, calções abotoados abaixo do joelho, a perninha traçada mostrando a botina reluzente de graxa. Não havia crianças coloridas na praia, nem noivas de véus flutuantes, nem grupos rissonhos de adolescentes. Ali não havia lugar a sorrisos. Todos sérios, todos austeros, provavelmente todos mortos.

Margarida sentiu um arrepio ao pensar nisto. Apalpou o colchão e encantou-se com o minucioso bordado dos lençóis de cambraia. Verificou a luz da mesa-de-cabeceira e foi à casa de banho fazer a sua *toilette* nocturna. Tomou um duche delicioso, enxugou-se com uma toalha de óptima felpa. Voltou para o quarto nua, pendurou uns *jeans* e uma *t-shirt* que tirou da mala para vestir no dia seguinte. De repente sentiu-se incomodada, como se alguém a observasse. E percebeu. Na parede fronteira à cama estava um quadro a óleo representando

um homem moreno. Um belíssimo homem, por sinal, que, ao contrário das fotografias da cómoda, parecia bem vivo e a olhava com olhos trocistas. Ela conhecia o truque dos pintores que fazem com que as figuras dos quadros mirem os observadores para onde quer que estes se dirijam. Mas aquilo era de mais. Não se tratava dos olhos vazios e inexpressivos que já vira tantas vezes, mas de um olhar bem vivo, irónico, crítico, apreciador, o olhar de um homem que conhece e ama as mulheres, e instintivamente Margarida foi à mala buscar um pijama e vestiu-o. *O que é que queres?* perguntou, desafiadora. E ouviu nitidamente uma voz masculina, grave, doce, responder: *tudo*.

Ficou aterrada. Era muito estranho o que se passava ali. Meteu-se na cama, mas não conseguia despregar os olhos do quadro. Foi com mãos trémulas que tirou os brincos das orelhas e os pousou na mesinha-de-cabeceira, ao lado do castiçal. Castiçal? Claro, para quando faltasse a luz. Que pelos vistos nunca faltava, porque a vela era nova. E o homem a olhar para ela. *Tudo*, continuava a dizer, agora em silêncio. Tinha-a visto nua, o que poderia esconder-lhe? A não ser o desejo que de repente a assaltou, e acreditou que, durante o sono, ele desceria do quadro e viria violá-la, amá-la com todas as forças, aventura de uma noite com um desconhecido, um feiticeiro, um fantasma.

Decidiu beber o chá de camomila para a ajudar a conciliar o sono. Saiu cautelosamente da cama, esforçando-se por não olhar para o quadro. Mas sentia os olhos dele como duas brasas. Queimando-lhe o corpo, os seios, o ventre, as coxas, queimando-lhe a alma como um sortilégio. O seu instinto feminino avisava-a de que não poderia contar aquilo a ninguém,

nem a Mariana, sua irmã e melhor amiga, que iria chamar-lhe doida, muito menos ao Pedro, seu namorado de cada vez menos dias.

A verdade é que o homem do quadro parecia ter uma inquietante semelhança com a pessoa por quem estava apaixonada, mas, quando se está louco de amor por alguém, parecemos ver esse alguém em toda a parte.

O chá acabou por fazer efeito e dormiu até de manhã. Os lençóis de cambraia não guardavam qualquer sinal de violação ou de lutas amorosas, tão lisinhos e arrumados como se ninguém ali tivesse dormido. Margarida abriu os olhos e sentiu que qualquer coisa de muito estranho se passava consigo. Deixou-se ficar de olhos fechados, buscando a certeza de que não estava a enlouquecer. Para começar, não tinha o pijama vestido. Apalpou-se sem olhar e sentiu um tecido finíssimo, idêntico aos lençóis. Pôde perceber as rosinhas bordadas na gola, as nervuras do peitilho. Sentiu também que o tecido se lhe enredava nas pernas, como se de uma camisa de noite se tratasse. Tinha a certeza de ter vestido um pijama azul: casaco e calças. Mas quando ousou abrir os olhos e levantar a roupa e espreitar para dentro da cama, viu a longa saia cor-de-rosa cheia de babados. Foi ele, pensou. Está a fazer troça de mim. Mas quando olhou para a parede, resolvida a perder o medo e a pedir-lhe satisfações, o quadro não estava lá.

Então, saltou da cama num pulo e dirigiu-se à casa de banho no intuito de tomar um duche frio que lhe devolvesse a sanidade. Mas aquilo que viu só piorou a situação.

Em vez da retrete que instintivamente procurou, havia

um penico alto, de esmalte, com pássaros pintados. A casa de banho não era mais casa de banho mas sim um quarto de vestir com um grande guarda-fatos cheio de vestidos antigos. A um canto imperava um lavatório de cerâmica na sua armação de ferro e paisagem cor de sangue, com árvores e passarinhos. O jarro igual estava pousado no chão, cheio de água. Na prateleira da armação havia escovas com cabo, um grande sabonete ovóide, uma luva turca. Dos lados pendiam duas toalhas de linho. Havia ainda um semicúpio de zinco com a respectiva toalha. As toalhas tinham uma linda barra bordada e eram debruadas a renda de um dos lados.

Lavou-se como pôde e, ao inclinar-se para a bacia, verificou que em vez do seu habitual cabelinho curto, pintado de ruivo, tinha agora uma farta cabeleira castanha, levemente ondulada, que lhe chegava ao meio das costas.

Alucinada, abriu o armário do quarto onde, na véspera, tinha pendurado a roupa. Mas em vez do *tailleur* e blusa de seda que vestira para a palestra e dos *jeans*, *t-shirt* e *blaser* que reservara para viajar naquele dia, estavam dois vestidos compridos, um de seda azul e outro branco, de cassa.

Sentiu-se agoniada. Pensou em vomitar para o balde por baixo do lavatório, fosse qual fosse o fantasma que viesse despejá-lo.

A sua roupa interior desaparecera. Por baixo da camisa de noite cor-de-rosa tinha uma calçola pelo joelho, com um folho, do mesmo tecido e da mesma cor. Na cadeira, uma camisa de dia, de alças, e um corpete que não chegava a ser espartilho. Vestiu-se, isto é, na sua ideia mascarou-se, com

o vestido de cassa. Olhou-se bem no espelho. Só o rosto era o mesmo. Não tinha verniz nas unhas, agora cortadas rentes. As sobranceiras não estavam arranjadas e algumas rugas, que já espreitavam ao canto dos olhos, tinham desaparecido. Mas eram os mesmos olhos azuis, sim, a mesma boca cheia, as mesmas maçãs do rosto um pouco salientes.

O que faço agora?, pensou, já disposta, por não ter alternativa, a entrar no jogo. Confirmou o que já suspeitava: a mala de rodinhas com o resto das suas coisas, não estava lá. O candeeiro da mesinha-de-cabeceira também não. Era, no seu conjunto, uma partida muitíssimo bem pregada. Mas não lhe parecia que aquelas senhoras amáveis que a tinham recebido fossem capazes de uma loucura destas. Foi à janela e viu o mesmo muro de pedra que lhe parecera ver na véspera e, para além dele, árvores de fruto e vinha a perder de vista. Ninguém a tinha teletransportado para um castelo na Escócia.

Foi quando bateram à porta. Uma voz grave de mulher com forte pronúncia do Norte, insistiu:

– Menina Margarida, abra a porta! Que novidade é esta de se trancar? É a Lucinda, trago-lhe o pequeno-almoço. Vá lá, está a arrefecer!

Abriu. A Lucinda entrou, fardada de cinzento até aos pés, crista, punhos e avental branco, cujo laço engomado deixava cair duas pontas aladas até aos calcanhares.

– Bom-dia, menina. Pensei que estivesse doente. E faça favor de não se trancar, porque se lhe dá o ataque a gente não lhe pode acudir.

Pousou a bandeja de prata na mesinha ali posta, certamente para esse fim, e de onde o tabuleiro da véspera, o chá, os bolinhos caseiros haviam desaparecido.

Agora tinha uma almoçadeira de porcelana com chocolate quente, pãezinhos onde a manteiga se derretia, duas taças com compotas diferentes, e uma grande fatia do que parecia ser pão-de-ló.

– Vá, toca a comer. A menina hoje não me parece lá muito boa. E é bom que esteja, porque vem o tal amigo do paizinho que quer escolher noiva. As manas já estão prontas. A menina Mariana já anda aos pulos e a menina Madalena está a ajudar a fazer um bolo para o chá. Despache-se Margaridinha, pela sua saúde, antes que a mãezinha venha cá ralhar. Já mando a Rosa arrumar o quarto. Quer que a penteie? Ou vai andar com essa gaforina a receber as visitas?

– Quero – disse Margarida, convencida de que aquilo era um filme onde teria de inventar as suas próprias deixas. – Faz-me uma trança.

– Qual trança, qual carapuça. Vou pôr-lhe um laço de cetim amarelo que fica bem com os cabelos castanhos, tão lindos, que a menina tem. Puxo estes aqui para a frente, bem alisadinhos com o pente e prendo-os cá atrás com a fita. Amarelo, com o branco do vestido, fica bonito.

– Lucinda, que dia é hoje? – Perguntou, enquanto a criada procurava numa gaveta cheia de fitas, ganchos e plumas.

– Que dia é hoje? Ora então a menina não sabe? É o quinze

de Setembro. E está um calor que parece Agosto. Quem diria que daqui a nada é Outono.

– De que ano, Lucinda?

– Está a fazer pouco de mim?

– Só para ver se sabes.

– É o... pois... deixe cá ver. 1908. É isso. Não ando sempre a pensar que ano é, mas sei, pois. É isso. É o 1908. Foi este ano que mataram o Rei.

Então Margarida percebeu que, como nos contos de fadas, tinha dormido cem anos, e viajado, durante o sono, no sentido inverso do tempo.